
Saúde emocional de professores, vida pessoal e profissional durante a pandemia

Emotional health of teachers, personal and professional life during the pandemic

Camila Elidia Messias dos Santos
Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues
Vera Lucia Messias Fialho Capellini
Universidade Estadual Paulista (UNESP)
Bauru – Brasil
Nilson Rogério da Silva
Universidade Estadual Paulista (UNESP)
Marília - Brasil

Resumo

Objetivou-se descrever e comparar a saúde emocional e a percepção da influência negativa e positiva da pandemia nos contextos escolar, da sala de aula e individual, de professores de ensino infantil e fundamental, durante a pandemia de Covid-19. Participaram 34 professores do ensino infantil e 40 do fundamental. Utilizou-se um formulário eletrônico composto por: a) Questionário de dados sociodemográficos e laborais; b) Inventário “Minha profissão na pandemia”; e c) Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse (Dass-21). Realizou-se estatística descritiva e *Teste t de Student*. Verificou-se maior prevalência de transtornos em professores da Educação Infantil, com predomínio da depressão. A ansiedade predominou no ensino fundamental nos contextos sala de aula e escola.

Palavras-chave: Ensino Básico; Saúde Emocional; Condições do Trabalho Docente.

Abstract:

The aim was to describe and compare emotional health and the perception of the negative and positive influence of the pandemic in school, classroom and personal contexts, of early childhood and elementary school teachers, during the Covid-19 pandemic. Thirty-four elementary school teachers and 40 elementary school teachers participated. An electronic form was used, consisting of: a) Questionnaire with sociodemographic and labor data; b) Inventory “My profession in the pandemic”; and c) Depression, Anxiety and Stress Scale (Dass-21). Descriptive statistics and Student's t-test were performed. There was a higher prevalence of disorders in Early Childhood teachers, with a predominance of depression and predominant anxiety in elementary school in the classroom and school contexts.

Keywords: Elementary Education; Emotional Health; Teaching Working Conditions.

1. Introdução

Como alternativa, durante a pandemia, as escolas de diferentes partes do mundo seguiram as recomendações de organizações internacionais e nacionais de cada país, adotando o ensino remoto emergencial para garantir a continuidade do atendimento aos estudantes (Reimers, 2021). Em geral, as soluções consistiram em uma mudança temporária das estratégias de ensino e dos conteúdos ministrados presencialmente por meio da introdução de plataformas de aprendizagem *online*, em ambiente doméstico, enquanto a emergência sanitária persistia (Pinho *et al.*, 2021).

Associada à novidade da conversão para o ensino *online*, os professores também tiveram de lidar com os estressores e, entre eles, a preocupação onipresente com a própria saúde na pandemia (Macintyre; Gregersen; Mercer, 2020; Hatzichristou *et al.*, 2021). Houve uma reorganização da sociedade que exigiu, em curto espaço de tempo, diferentes arranjos em diversas dimensões da vida pessoal e profissional (Alves; Martins; Moura, 2021; Pinho *et al.*, 2021) causando, em decorrência disto, agravos à saúde física e mental das pessoas.

Os primeiros estudos sobre o impacto da pandemia apontaram que o trabalho transferido para a casa se sobrepôs às atividades domésticas e familiares, impossibilitando o estabelecimento de limites físicos, temporais e psicológicos entre os diferentes fazeres (Macintyre; Gregersen; Mercer, 2020; Jakubowski; Sitko-Dominik, 2021). A sobrecarga de trabalho foi reportada como o fator mais frequente nesse período (Santamaría *et al.*, 2021; Pinho *et al.*, 2021) afetando, de forma mais significativa, as mulheres.

Em pesquisa realizada com 1.444 docentes, sendo a maioria, mulheres (76,1%), com o objetivo de descrever características do trabalho remoto, situação de saúde mental e qualidade de sono na pandemia de Covid-19, Pinho *et al.* (2021) identificaram que 51,4% tiveram alterações no contrato de trabalho e 76,8%, aumento da jornada laboral. Os resultados revelaram que o ambiente domiciliar e os equipamentos tinham baixo nível de adequação ao trabalho remoto. Entre os participantes, 42,3% das mulheres e 17,4% dos homens referiram sobrecarga doméstica. As mulheres apresentaram problemas de saúde, destacando-se crises de ansiedade (53,7%), alterações de humor (78,0%), transtornos mentais comuns (69,0%) e qualidade ruim do sono (84,6%), produzindo consequências alarmantes à saúde docente.

Outras preocupações foram acrescentadas em relação à incerteza ocupacional e financeira, com a possibilidade de reabertura das escolas, dificuldade de adesão às medidas sanitárias específicas e o medo de contrair a doença (Souza *et al.*, 2021; Hatzichristou *et al.*, 2021). Essas variáveis foram apontadas como condições que impactaram a saúde mental e emocional dos professores. Dados da Organização Pan-Americana da Saúde, apontaram que, somente no primeiro ano da pandemia de Covid-19, a prevalência de ansiedade e depressão aumentou em 25% na população global (OPAS, 2022). Concomitantemente, outros estudos revelaram aumento dos transtornos mentais comuns, principalmente nos professores que atuaram durante o primeiro ano da pandemia (Santamaría *et al.*, 2021).

Segundo a Associação Americana de Psiquiatria (APA, 2014), a ansiedade é caracterizada como uma reação a antecipação de uma possível ameaça futura, que nem sempre pode ser real, a qual o sujeito passa a exercer um comportamento de excessiva vigilância, permanente medo e/ou tensão muscular. Dentre os sintomas preponderantes, há o desconforto abdominal, tremores, sensação de desmaio, agitação psicomotora, preocupação excessiva, dificuldade de concentração, tontura, palpitação e taquicardia (APA, 2014). No que se refere à depressão, o interesse pela sua avaliação tem se destacado, pois causa prejuízos em todas as áreas na vida do indivíduo e pode ser caracterizada pela presença de contingências aversivas e de baixas taxas de reforçadores no ambiente (Correia; Borloti, 2011). Os sintomas depressivos ocorrem devido à estimulação aversiva, por reforço negativo (através de fuga e esquiva), extinção e quando há baixo reforço positivo de sintomas não depressivos (Gazzoni; Ferreira, 2021).

Ainda no conjunto dos transtornos mentais, o estresse é definido como uma reação psicológica do indivíduo a qualquer estímulo ambiental (estressores) que produzem uma variedade de efeitos, incluindo excitação física e ameaças ao bem-estar. Diversos sintomas podem surgir, a depender da fase na qual a pessoa se encontra, no entanto, os mais frequentes incluem alterações respiratórias, cardíacas e de pressão arterial, mudanças de humor, insônia, gastrite, irritabilidade e hipertensão, além do aumento de sintomas de ansiedade (Lipp, 2000). No caso de professores, quando esses constructos tornam-se patológicos, sua saúde é impactada significativamente, prejudicando a atuação docente e, conseqüentemente, a qualidade da educação.

A avaliação desses constructos tem sido realizada por diversos autores de forma isolada ou associada, utilizando diferentes instrumentos e entre eles, a Escala de

Depressão, Ansiedade e Estresse (Dass-21). O Dass-21 tem sido utilizado quando se pretende avaliar os três construtos (ansiedade, depressão e estresse) ao mesmo tempo, encontrando-se estudos tanto no contexto nacional (Cruz *et al.*, 2020; Freitas *et al.*, 2021; Souza *et al.*, 2021), como no internacional (Santamaría *et al.*, 2021). É um instrumento traduzido e adaptado para diversos países, como o Brasil, e para distintas faixas etárias.

No Brasil, Cruz *et al.* (2020) rastream indicadores de saúde mental em 85 docentes de uma instituição de educação infanto-juvenil da região sul do Brasil, utilizando um formulário, via web, composto por: a) questionário demográfico e sócio-ocupacional; b) o Dass-21 e, c) a escala de sintomas de saúde mental relacionados ao trabalho. Os resultados revelaram que 82,1% dos participantes estavam preocupados com a exposição ao novo coronavírus, 6,0% referiram não estar em isolamento social, 84,5% indicaram ter conhecimentos sobre a pandemia e, 85,7% apresentaram baixa expectativa de retorno ao ambiente de trabalho. A associação das variáveis apontou que as docentes do sexo feminino, com faixa etária de 46 a 56 anos e solteiras, apresentaram maiores riscos para desenvolver ansiedade e depressão ($p < 0,05$).

O estudo realizado por Souza *et al.* (2021), investigou se as condições de trabalho docente na pandemia afetaram a saúde mental de 733 professores de diferentes níveis de ensino quanto à depressão, ansiedade e estresse, por meio da aplicação de um questionário com dados sociodemográficos, um survey com questões relacionadas à pandemia e o Dass-21. Os resultados apontaram que todas as condições investigadas estavam presentes no cotidiano de 92% dos professores, relacionadas com uma tendência a desencadear maiores escores de estresse, ansiedade e depressão.

Santamaría *et al.* (2021), realizaram um estudo com o objetivo de analisar os níveis de estresse, ansiedade e depressão de 1.633 professores do norte da Espanha. Os resultados constataram que 32,2% dos participantes apresentaram sintomas de estresse, 49,3% ansiedade e 50,4% depressão. As mulheres apresentaram significativamente mais sintomas de estresse e ansiedade do que os homens. Também, aquelas que tinham filhos apresentaram mais sintomas depressivos. No geral, as pessoas com patologia crônica ou que conviveram com outras que a apresentavam manifestaram mais estresse, ansiedade e depressão.

Agravos à saúde mental podem ter impacto na realização de tarefas habituais dos professores (domésticas ou de trabalho) estando geralmente associados à desmotivação,

desatenção, desconcentração, perda de entusiasmo e criatividade (Cruz *et al.*, 2020). Como consequência, pode ocorrer o aumento de erros e pequenos acidentes; a propensão ao afastamento do trabalho; a redução do interesse na interação com as outras pessoas (Cruz *et al.*, 2020); e, como resultado, observa-se um efeito negativo na aprendizagem dos alunos.

Com o objetivo de identificar a prevalência de ansiedade, depressão e estresse nos professores durante o enfrentamento da pandemia de Covid-19, Ribeiro (2021) conduziu um estudo de modo *online* com 37 professores de três escolas de Educação Infantil utilizando o Dass-21. Os resultados mostraram que 57% (n=21) dos professores apresentaram indicadores clínicos para depressão, 46% (n=17) para ansiedade e 51% (n=19) para estresse.

Ferreira-Costa e Pedro-Silva (2019) desenvolveram um estudo com o objetivo de verificar e analisar o nível de ansiedade e de depressão de 105 professores do Ensino Infantil e Fundamental, por intermédio das Escalas Beck de depressão e ansiedade. Dentre os resultados, os autores identificaram que 41,9% dos docentes apresentam níveis de “leve” a “grave” para a ansiedade e, 30,5% níveis leve e moderado para depressão. Contudo, não foram realizadas distinções pelo tipo de ensino em que os professores atuam, o que não permite identificar se professores de um nível de ensino são mais propensos do que o outro para apresentarem sintomas depressivos e ansiosos.

Desta forma, a definição do público atuante na rede pública de ensino, tanto no ensino fundamental como infantil, se faz necessário levando em conta as diferentes demandas de cada sistema, como idade, número de crianças e conteúdo a ser trabalhado. Por isso, questiona-se sobre a saúde emocional de professores que exerceram sua profissão durante a pandemia que levam também a outras indagações: Qual a percepção dos professores quanto ao impacto da pandemia nos contextos escolar, de sala de aula e individual? Existe relação entre a presença de indicadores clínicos de saúde emocional e a percepção positiva ou negativa dos efeitos da pandemia?

Assim, o presente estudo pretendeu descrever e comparar a saúde emocional e a percepção da influência negativa e positiva da pandemia nos contextos escolar, de sala de aula e individual, de professores de ensino infantil e fundamental, durante a pandemia de Covid-19.

2. Aspectos éticos

A presente pesquisa faz parte de um projeto subsidiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade e pela Secretaria Municipal da Educação da cidade. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme a resolução vigente.

3. Metodologia

3.1 Delineamento da pesquisa

Trata-se de uma pesquisa descritiva, comparativa e relacional. O método comparativo opera na investigação de indivíduos, classes, fenômenos ou fatos, com vistas a revelar as diferenças e similaridades entre eles (Gil, 2010).

3.2 Participantes e local

A amostra foi composta por 34 professores do ensino infantil e 40 professores do ensino fundamental, de um município de médio porte do interior paulista. Considerou-se como critério de inclusão: atuar nos segmentos de ensino infantil e fundamental do Sistema de Educação do município onde foi realizada a pesquisa. Como critério de exclusão desconsiderou-se aqueles que estavam de licença médica ou afastados das suas funções em sala de aula durante a coleta de dados, como, por exemplo, em cargos de gestão ou fora do sistema educacional.

Todos os 34 professores de ensino infantil eram do sexo feminino, com idade média de 41 anos e três meses, das quais 67,6% (n=23) estavam casadas ou em união estável. Das respondentes, 79,4% (n=27) trabalhavam há mais de dez anos na educação. No que concerne à formação acadêmica, 97% (n=33) eram pedagogas, 14,7% (n=5) tinham mais de um curso de graduação. Do total, 92,5% (n=28) possuíam ao menos uma especialização *stricto sensu*, sendo que dessas, 5,8% (n=2) concluíram o mestrado. A maioria das professoras, 55,8%, trabalhava em turno dobrado no sistema municipal (n=19) e no sistema municipal e estadual (n=4).

Dos 40 professores de ensino fundamental, 95% (n=38) eram do sexo feminino, com idade média de 45 anos e três meses, dos quais 55% (n=22) estavam casados ou em união estável. Dos respondentes, 77,5% (n=31) deles atuavam há mais de dez anos na educação. Sobre a formação acadêmica, 85% (n=34) eram pedagogos e, 35% (n=14) tinham pelo menos mais um curso de graduação. Dos professores, 92,5% (n=37) possuíam especialização *stricto*

sensu. Desses, 20% (n=8) possuíam mestrado e 5,8% (n=2), doutorado. A maioria deles, 55%, trabalhava em turno dobrado no sistema municipal (n=22), nos sistemas municipal e estadual (n=8) e nos sistemas municipal e privado (n=3).

3.3 Instrumentos

Questionário de dados sociodemográficos e laborais - continha informações para a caracterização dos participantes, como: idade, sexo, estado civil, religião, composição familiar, formação, tempo de experiência e turno de trabalho, utilizado para descrevê-los.

Inventário “Minha profissão na pandemia” - A percepção dos efeitos da pandemia foi avaliada pelo inventário elaborado para essa pesquisa. Trata-se de um instrumento composto por 34 afirmativas, que abarcam três domínios: escolar (por exemplo, a falta de recursos básicos dentro da escola tem sido um agravante ainda maior durante a pandemia); sala de aula (por exemplo, nas atividades desenvolvidas durante a pandemia, a participação dos alunos está abaixo do esperado); e condições individuais (por exemplo, mesmo vacinada tenho medo de contrair a Covid no contato com meus alunos). Trata-se de escala de respostas do tipo *Likert*, com cinco pontos, sendo: (1) discordo plenamente; (2) discordo em parte; (3) nem concordo nem discordo; (4) concordo em parte e (5) concordo plenamente. Nove questões são de percepção positiva da pandemia (5, 6, 8, 16, 23, 25, 27, 30 e 31), e 25 negativas (1, 2, 3, 4, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 26, 28, 29, 32, 33 e 34). Nos dois casos, quanto maior a pontuação, mais o respondente concorda com a mesma. As afirmativas se referem a três contextos: individual, da sala de aula e escolar, também com questões divididas entre negativas e positivas.

Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse - O Dass-21 é um instrumento de autorrelato com 21 questões e a pontuação é obtida em uma escala do tipo *Likert* de quatro pontos, variando de 0 (não se aplicou a mim) a 3 (aplicou-se muito), referente aos sentimentos da última semana. As perguntas 1, 6, 8, 11, 12, 14 e 18 formam a subescala de estresse; as 2, 4, 7, 9, 15, 19, e 20, a subescala de ansiedade; e, as 3, 5, 10, 13, 16, 17 e 21, a subescala de depressão. Para a pontuação final, os valores de cada subescala foram somados e multiplicados por dois para corresponder à pontuação da escala original (Dass-42). Os dados de classificação foram obtidos do estudo de Corrêa *et al.* (2020). A classificação dos sintomas de estresse foi: 0-10 = normal; 11-18 = leve; 19-26 moderado; 27-34 = severo e 35-42 = extremamente severo. A classificação dos sintomas de ansiedade foi: 0-6 normal; 7-9 = leve; 10-14 = moderado; 15-19 = severo; e 20-42 extremamente severo. A

classificação dos sintomas de depressão foi: 0-9 = normal; 10-12 = leve; 13-20 = moderada; 21-17 = severo; e 28-42 = extremamente severo. No estudo de Corrêa *et al.* (2020), a confiabilidade da escala se mostrou adequada pelo coeficiente de *alfa de Cronbach* (estresse = 0,75; ansiedade = 0,81 e depressão 0,85).

3.4 Procedimento de coleta de dados

A coleta de dados foi realizada de modo *online* por meio de um formulário eletrônico do *Google Forms* e compartilhado no endereço virtual (e-mail) das escolas do Secretaria Municipal de Educação do município, disponíveis no site da prefeitura, com o convite para participação e divulgação da pesquisa junto aos professores das escolas.

Por meio do envio do *hiperlink*, os professores tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em que constava o objetivo e a justificativa da pesquisa, bem como as garantias do anonimato dos participantes por ocasião de divulgação dos resultados em congressos e publicações. Para prosseguir com o questionário, os participantes deveriam antes clicar na opção “Sim, aceito participar da pesquisa”. Somente após concordarem, os três instrumentos de coleta eram disponibilizados. O tempo previsto para responder os instrumentos foi de 25 minutos, sendo as respostas de cada participante salvas automaticamente na nuvem. O formulário eletrônico ficou aberto para o recebimento de respostas por 45 dias, durante os meses de julho a setembro de 2021, com divulgações semanais para o recrutamento de novos participantes. Foram recebidas 118 respostas, no entanto, 41 delas não atenderam aos critérios de elegibilidade e foram excluídas da amostra. As respostas obtidas foram salvas em planilha do Excel disponibilizada no *Google Forms*.

3.5 Procedimento de análise dos dados

Os dados do Questionário de Dados Sociodemográficos e Laborais foram contabilizados e organizados por meio de frequência relativa e utilizados para a descrição dos participantes. As respostas do inventário “Minhas profissões na pandemia” foram contabilizadas para cada uma das afirmativas e separadas nas grandes categorias: contexto escolar, sala de aula e individual. Análises estatísticas comparativas intergrupos e intragrupos das pontuações médias dos dois grupos, para cada contexto e dos resultados do *Dass-21*, foram realizadas pelo *Teste t de Student* para amostras independentes e pareadas. As análises de correlações foram realizadas com o teste de *Pearson*.

4. Resultados e discussão

A Tabela 1 mostra os dados de depressão, ansiedade e estresse mensurados pelo Dass-21. Considerou-se com indicadores clínicos os participantes que obtiveram resultados classificados como moderado e grave (ou severo e extremamente severo) e sem indicadores, os participantes que obtiveram resultados normal e leve. Analisando os constructos, observou-se que os professores pertencentes ao Ensino Fundamental relataram maior ansiedade enquanto nos da Educação Infantil sobressaiu a depressão. Comparando os dois grupos quanto à frequência dos transtornos, observou-se que foram mais prevalentes entre os professores de Educação Infantil quando comparados aos do Ensino Fundamental.

TABELA 1 - Descrição das frequências absolutas e relativas dos participantes quanto à classificação do estresse, ansiedade e depressão considerando com e sem indicadores clínicos

	Classificação	Educação Infantil		Ensino Fundamental		Total	
		n	%	n	%	n	%
Depressão	Sem indicadores clínicos	17	50	31	77,5	48	64,9
	Com indicadores clínicos	17	50	09	22,5	26	35,1
	Total	34	100	40	100	74	100
Ansiedade	Sem indicadores clínicos	19	55,8	27	67,5	46	62,1
	Com indicadores clínicos	15	44,2	13	32,5	28	37,9
	Total	34	100	40	100	74	100
Estresse	Sem indicadores clínicos	23	67,7	32	85	57	77
	Com indicadores clínicos	11	32,3	08	15	17	23
	Total	34	100	40	100	74	100

Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.

Em relação aos sintomas de depressão, o grupo de professores do Ensino Infantil apresentou distribuição igual, 50% (n=17), entre escores com indicadores clínicos e sem indicadores clínicos, respectivamente, confirmando os dados encontrados por outros pesquisadores cujas taxas variaram de 30,5% a 50% (Ferreira-Costa; Pedro-Silva, 2019; Santamaría *et al.*, 2021; Shala *et al.*, 2022; Spadafora *et al.*, 2022). Dentre os professores de Ensino Fundamental, 22,5% (n=09) apresentaram indicadores clínicos para depressão, contrapondo com os dados encontrados por Cruz *et al.* (2020) e Rodrigues *et al.* (2022). Todavia, cabe salientar que nem sempre os estudos comparados se referem a pesquisas com professores de educação infantil ou fundamental, devido à maioria deles considerar toda a amostra e não o nível de ensino.

No entanto, tendo em conta a prevalência de saúde mental, especialmente dos professores de educação infantil, os resultados foram parcialmente superiores aos

encontrados em estudos anteriores à pandemia tanto no Brasil, onde as taxas de prevalência de depressão eram relativamente altas, variando de 21,7% a 29,5% (Scandolara *et al.*, 2015; Silva; Bolsoni-Silva; Loureiro, 2018). Esses resultados demonstraram que, mesmo em condições de estabilidade, podem existir fatores que contribuem para a presença de indicadores clínicos para o transtorno.

A Tabela 2 apresenta a comparação entre as médias dos dois grupos apontou para valores maiores em professores da educação infantil nos três constructos de saúde emocional avaliados (depressão, ansiedade e estresse), observando-se uma tendência para diferença significativa em depressão com média mais alta para os professores da Educação Infantil ($p=0,064$). Tais resultados corroboram os estudos de Ferreira-Costa e Pedro-Silva (2019) e Ribeiro (2021), nos quais as taxas de prevalência de depressão em professores da Educação Infantil também foram mais elevadas quando comparadas aos outros constructos, como a ansiedade e o estresse.

Tabela 2 - Comparação da saúde emocional dos dois grupos de participantes

Saúde Emocional	Ensino fundamental		Educação Infantil		P
	Média	DP	Média	DP	
Depressão	8,45	9,94	14,5	13,10	0,064*
Ansiedade	9,0	11,68	10,20	9,60	0,633
Estresse	13,05	12,35	16,47	11,80	0,230

Fonte: Elaborada pelos autores, 2024.

Estudos comparando a saúde mental de professores do Ensino Infantil com os professores do Ensino Fundamental não foram encontrados utilizando o Dass-21 como instrumento de avaliação. Avaliações dos sintomas depressivos realizadas por Shala *et al.* (2022) em 203 professores de pré-escola, foi feita com a aplicação do Questionário de Saúde do Paciente-9 (PHQ-9), nos quais os autores identificam que 43,9% dos participantes apresentavam algum nível de depressão. No Canadá, Spadafora *et al.* (2022), ao avaliarem os professores de jardim de infância com a aplicação da Escala de Depressão do Centro de Estudos Epidemiológicos, constataram que 50,4% dos educadores pontuaram acima do nível moderado para depressão. Estes resultados corroboram os achados encontrados neste estudo, com o nível de depressão sendo mais elevado entre os professores de Ensino Infantil durante a pandemia.

Em se tratando de professores de Ensino Fundamental, Rodrigues *et al.* (2022) visando avaliar a prevalência de sintomas depressivos em professores e os prováveis fatores associados, em atuação durante a pandemia, aplicaram o Questionário de Saúde

do Paciente-9 (PHQ-9) em uma amostra de 82 professores do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental de três escolas estaduais de Montes Claros, Minas Gerais. Os resultados apontaram que 48,8% dos professores apresentavam sintomas depressivos, no entanto, somente 10% eram de grau moderado a grave. Os dados obtidos no presente estudo contrapõem esses achados, uma vez que 22,5% dos participantes nesse nível apresentaram indicadores moderados ou graves.

No que refere à prevalência de ansiedade, 44,2% dos professores de Ensino Infantil apresentaram indicadores clínicos e 32,5% dos docentes de Ensino Fundamental, coincidindo com os dados encontrados por Freitas *et al.* (2021), Ribeiro (2021), Santamaría *et al.* (2021) e Shala *et al.* (2022). Todavia, em seu estudo, Spadafora *et al.* (2022) encontraram menor prevalência de indicadores clínicos para ansiedade em professores.

Considerando o Ensino Infantil, os resultados encontrados corroboram a pesquisa de Ribeiro (2021) e Shala *et al.* (2022), em que os autores também encontraram taxas semelhantes de indicadores de ansiedade em professores da pré-escola avaliados durante a pandemia variando de 46% a 52,7% da amostra avaliada. Por outro lado, em pesquisa realizada por Jakubowski e Sitko-Dominik (2021) com 285 professores de nível equivalente ao ensino fundamental na Polônia, os autores encontraram taxas de 46,89% de ansiedade leve a extremamente severa entre os professores. Contudo, ao considerar somente os níveis acima de moderado, a percentagem de professores correspondeu a 36,55%, valor próximo ao encontrado neste estudo.

Dentre algumas condições causadoras de ansiedade em professores, a falta de recursos material e de orientação e apoio da comunidade educacional, são conhecidos como fatores que podem vir a influenciar os níveis de ansiedade. Na pandemia, a mudança rápida do ensino presencial o *online*, com a utilização de tecnologias digitais, como a única forma possível para a continuidade do ano letivo, pode ter sido outro fator que tenha influenciado no aumento dos sintomas ansiosos dos professores (Santamaría *et al.*, 2021). O fato de um escore relativamente maior entre os professores de ensino infantil poderiam ser justificados pela dificuldade em realizar uma prática pedagógica didática e interessante para alunos tão pequenos.

Embora menos investigado que os outros transtornos comuns, o estresse tem causado preocupação e demandado atenção dos professores, principalmente durante a pandemia, devido ao nível de estressores a que os profissionais foram submetidos. Entre

as causas mais comuns, a sobrecarga de trabalho foi classificada como a principal responsável pelo estresse durante o fechamento das escolas (Macintyre; Gregersen; Mercer, 2020). No presente estudo, 32,4% (11) dos professores da educação infantil apresentaram indicadores clínicos para o estresse, enquanto uma menor prevalência 20% (08) de estresse foi identificada nos professores do Ensino Fundamental. Tais dados sugerem uma ligeira prevalência dos professores do ensino infantil quando comparados aos do fundamental no que se refere à presença de indicadores de estresse. Por outro lado, a literatura tem identificado tanto taxas relativamente altas de estresse (de 27,6% a 51%) (Ribeiro, 2021; Santamaría *et al.*, 2021) como baixas (de 10% a 21,7%) (Freitas *et al.*, 2021).

Ao comparar a prevalência de estresse dos professores de ensino infantil do presente estudo, com o da amostra de Ribeiro (2021), observou-se taxas significativamente mais altas de estresse em sua amostra, no qual 51% dos professores apresentaram indicadores de estresse, contrariando os estudos encontrados. Na pesquisa de Jakubowski e Sitko-Dominik (2021), realizada com professores do Ensino Fundamental taxas diferentes de estresse foram identificadas entre a primeira etapa da investigação (6%) e a segunda (47%), demonstrando grande variabilidade de indicadores durante o avanço e persistência da pandemia.

Ressalta-se que estudos de avaliação de saúde mental de docentes têm tido como participantes, professores, em sua maioria, de ensino fundamental (Silva; Bolsoni-Silva; Loureiro, 2018), do ensino superior (Freitas *et al.*, 2021), ou de todo o ensino básico (Alves; Martins; Moura, 2021; Cruz *et al.*, 2020; Santamaría *et al.*, 2021), quando comparado a professores do ensino infantil (Shala *et al.*, 2022; Spadafora *et al.*, 2022). Embora, Pinho *et al.* (2021), ao realizarem uma comparação sobre a situação de saúde docente segundo os níveis de ensino, encontraram diferenças expressivas, com maior preocupação para docentes da educação infantil e do fundamental I, o que demanda a necessidade de maior atenção e prevenção de indicadores de saúde mental desse público. Desse modo, dada as diferenças entre os níveis de ensino e a maior prevalência de sintomatologia psicológica, especialmente nos professores de Ensino Infantil, há a necessidade de pesquisas que considerem as características deste contexto e os agravantes envolvidos na saúde mental.

A Tabela 3 exibe o segundo conjunto de dados da presente pesquisa, em relação a descrição e comparação a percepção negativa e positiva da pandemia nos contextos escolar, de sala de aula e individual de professores da amostra toda e dos dois sistemas:

fundamental e infantil. Para efeito de análise, considerou-se dois níveis: negativos, com média até 2,9 quando discordavam da afirmação e, positivos, acima de 3 quando concordavam com a afirmação.

Com relação ao contexto individual, 57,5% dos professores do Ensino Fundamental concordaram com os pontos negativos e 80% com os positivos da pandemia. Dos docentes da Educação Infantil 64,7% concordaram com os pontos negativos e 73,5% com os positivos. Para o contexto de sala de aula, os dois grupos apresentaram porcentagem semelhante de concordância com os pontos negativos apresentados, todavia, quanto aos pontos positivos, os professores de Educação Infantil apresentaram maior concordância (61,8%) do que os professores de Ensino Fundamental (32,5%). No contexto da escola, a concordância com os pontos positivos da pandemia e os negativos foram semelhantes para os dois grupos.

Tabela 3 - Descrição em termos de frequência absoluta e relativa da percepção positiva e negativa da pandemia nos três contextos analisados

Percepção	Pontos médios	Ensino fundamental		Educação infantil		Total	
		n	%	n	%	n	%
Individual							
Negativa	Até 2,9	17	42,5	12	35,3	29	39,2
	Acima de 3,0	23	57,5	22	64,7	45	60,8
Positiva	Até 2,9	8	20	9	26,5	17	22,9
	Acima de 3,0	32	80	25	73,5	57	77,1
Sala de aula							
Negativa	Até 2,9	8	20	5	14,7	13	17,5
	Acima de 3,0	32	80	29	85,3	61	82,5
Positiva	Até 2,9	27	67,5	13	38,2	40	54
	Acima de 3,0	13	32,5	21	61,8	34	46
Escolar							
Negativa	Até 2,9	9	22,5	9	26,5	18	24,3
	Acima de 3,0	31	77,5	25	73,5	56	75,7
Positiva	Até 2,9	21	52,5	20	58,8	41	55,4
	Acima de 3,0	19	47,5	14	41,2	33	44,6

Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.

Ao analisar o contexto individual, os professores da Educação Infantil concordaram mais com os pontos negativos do que os professores do Ensino Fundamental. Por outro lado, os do Ensino Fundamental concordaram mais com os pontos positivos, quando comparados aos docentes do Ensino Infantil. Nos dois grupos, dois pontos negativos tiveram maior concordância. Um deles foi “Ao realizar as tarefas profissionais em casa, sempre acabo dispendendo mais tempo a eles” (EI 4,36 e EF 4,25). O aumento na jornada laboral de professores foi considerado um dos pontos mais negativos desse período (Pinho

et al., 2021; Costa et al., 2022). No que concerne aos professores do Ensino Infantil, Costa et al. (2022) elencaram que esses profissionais, principalmente da rede pública de ensino, enfrentam inúmeras dificuldades em seu cotidiano escolar, pois ao mesmo tempo que eram responsáveis pelo número elevado de crianças, desenvolvem pesquisas, planejamentos, avaliações, elaboração de portfólios, materiais de apoio pedagógico concreto, com o objetivo de tornar suas aulas mais atrativas e produtivas para todos os seus alunos no novo modelo. Dessa forma, pressupõe-se que uma justificativa para acordo entre os professores dessa etapa de ensino com relação ao aumento de tempo para desenvolver as tarefas profissionais em casa, pode ser devido à faixa etária de seus alunos, o que demanda a elaboração impressão de materiais, mais frequente quando o ensino foi ofertado à distância.

Um outro ponto negativo que gerou maior acordo foi “Mesmo vacinada tenho medo de contrair a covid no contato com meus alunos” (EI 3,97 e EF 4,17). A preocupação com a exposição ao novo coronavírus também foi um fator preponderante nos participantes desta pesquisa, estando de acordo com outros achados da literatura (Cruz et al., 2020; Souza et al., 2021), com médias semelhantes entre os dois sistemas de ensino.

Dos pontos positivos com maior concordância tanto para os professores de ensino infantil como os do fundamental, destacam-se: “Como estou desenvolvendo as tarefas profissionais no meu ambiente doméstico, tenho tido menos demanda de trabalho” (EI 4,02 e EF 4,29) e “Durante a pandemia, tenho mais tranquilidade para realizar minhas atividades particulares” (EI 3,88 e EF 4,25). Esses dados refletem, em parte, que, enquanto os professores vivenciaram a apreensão devido ao momento pandêmico do trabalho profissional com o doméstico, também puderam gerenciar melhor o seu tempo e organização, para desempenharem o trabalho no mesmo espaço de sua vida pessoal (Alves; Martins; Moura, 2021).

No contexto de sala de aula, os pontos negativos da pandemia com maior concordância entre os docentes estavam associados ao processo de ensino-aprendizagem dos alunos, tais como: “Nas atividades desenvolvidas durante a pandemia, a participação dos alunos está abaixo do esperado” (EI, 4,05 e EF 3,82) e “Desde o início da pandemia sinto-me perdido(a) sem ter certeza de que meus alunos estão aprendendo” (EI 4,01 e EF 3,97). Tais dificuldades podem ter sido ressaltadas em função de, no contexto de pandemia, ter sido comum os professores apresentarem dificuldades tanto no

planejamento como na execução das atividades à distância, bem como no desenvolvimento de alguma comunicação efetiva com seus alunos (Pinho *et al.*, 2021). Cabe salientar que os professores vivenciaram um contexto totalmente atípico, em que uma série de variáveis se sobrepôs à atuação profissional, desde falta de formação e orientação da gestão escolar, recursos tecnológicos insuficientes e a própria dificuldade dos alunos no que se refere ao acesso às aulas (Alves; Martins; Moura, 2021).

Na opinião de outros professores, o que impediu ou dificultou a participação dos alunos foi a falta de acesso à internet, a ausência de dispositivos eletrônicos para acessar as atividades e a escassez de recursos econômicos (Mejoredu, 2020). Segundo o autor, os alunos também relataram dificuldades técnicas como a má conexão com a internet, a interrupção do som e a falta de conhecimento sobre o uso de tecnologia por parte de alguns professores, além de dificuldades próprias quanto ao não entendimento do conteúdo, seguido de estresse ou frustração, desânimo, tédio e dificuldade de concentração. Também foram apontados fatores ambientais relacionados ao ruído externo, ao calor ou o tempo de horas gasto na atividade (Hatzichristou *et al.*, 2021), ou, ainda, obrigações de afazeres domésticos, de cuidar de outras pessoas (Mejoredu, 2020), sendo essas, variáveis que provavelmente contribuem para a baixa participação dos alunos nas atividades.

Os pontos positivos em sala de aula se referiram a uma adaptação desse processo, como: “Em virtude da continuidade da pandemia, a participação dos alunos tem aumentado substancialmente” (EI, 3,85 e EF 3,07), sendo que a maior concordância com os pontos positivos foi observada nos professores do Ensino Infantil.

Análises do contexto escolar demonstraram que os professores do Ensino Infantil e do Fundamental apresentaram concordância semelhante com os pontos positivos e os negativos da pandemia. Os pontos negativos com maiores concordâncias foram: “Durante a pandemia, as demandas de trabalho aumentaram e exigiram respostas cada vez mais imediatas” (EI 4,23 e EF 4,71) e “Considerando o contexto pandêmico, a minha escola não está equipada tecnologicamente para garantir o ensino dos nossos alunos” (EI 3,88 e EF 4,02).

No contexto pandêmico, o uso das tecnologias digitais com alta conectividade exigiu respostas cada vez mais imediatas, pois, ao realizarem as demandas *online*, os professores tiveram de dar conta como se estivessem de modo presencial, atendendo pais

com dúvidas sobre as atividades escolares, dando orientações, cumprindo as obrigações da profissão como planejamento, reuniões, entre outros. Além disso, os docentes, em especial do ensino público, apontaram que suas escolas não estavam equipadas tecnologicamente para garantir as atividades, aumentando as desigualdades entre os sistemas de ensino (Reimers, 2021). Em relação aos pontos positivos, os professores dos dois grupos concordaram em maior proporção com a afirmativa “Tenho recebido ajuda de colegas para elaborar materiais, acessar plataformas digitais e desenvolver conteúdos aos alunos” (EI 3,79 e EF 3,94). Nesse sentido, a colaboração tanto de colegas, como dos pais e da administração, para trocas de ideias, o apoio e a garantia da administração têm sido mencionados pelos professores como recursos de suporte para o enfrentamento da pandemia (Hatzichristou *et al.*, 2021).

Também foram realizados comparativos dos pontos negativos e positivos da pandemia em cada contexto, para cada os dois sistemas: fundamental e infantil. Considerando os pontos negativos, os professores do Ensino Fundamental apresentaram média pouco superior aos da Educação Infantil, nos contextos de sala de aula e escolar, mas sem diferenças significativas entre eles. Quanto aos pontos positivos, os professores de Educação Infantil apresentaram significativamente mais pontos positivos do que os do Ensino Fundamental ($p=0,023$).

5. Considerações finais

Os resultados do estudo revelaram que a frequência dos transtornos foi mais prevalente entre os professores de educação infantil quando comparados aos do Ensino Fundamental. Entretanto, professores do Ensino Fundamental relataram maior ansiedade enquanto nos da Educação Infantil sobressaiu a depressão.

Também foi constatado que, considerando os pontos negativos, os professores do Ensino Fundamental apresentaram média pouco superior na avaliação dos contextos de sala de aula e escolar quando comparados aos da educação infantil, mas sem diferenças significativas entre eles. A avaliação dos professores do Ensino Fundamental pode ter sido influenciada pela faixa etária escolar em que lecionam, uma vez que, diferentemente da educação infantil, os alunos tinham mais condições de compreender os conteúdos pelo sistema *online*. Quanto aos pontos positivos, os professores da Educação Infantil apresentaram significativamente mais pontos positivos do que os de Ensino Fundamental. Neste caso, o fato de estarem desenvolvendo as atividades em ambiente doméstico pode

ter oportunizado menor demanda de trabalho, dado que não precisaram ficar confeccionando materiais para as aulas e, com isso, puderam ter obtido maior tranquilidade para realizar suas atividades particulares.

Entretanto, este estudo apresenta algumas limitações que precisam ser discutidas. Primeiramente, ao recrutar a amostra de modo não probabilístico é preciso considerar haver certo viés de seleção, uma vez que a participação voluntária pode ter predisposto a participarem aqueles que haviam sido particularmente impactados emocionalmente pela pandemia a participarem. Em segundo lugar, a amostra composta por moradores de uma única cidade deve ser analisada com relativa cautela, uma vez que pode não refletir a realidade de outras regiões do país, não sendo possível, necessariamente, generalizar os achados para outros contextos.

Outra limitação se refere à coleta de dados que, realizada de modo *online*, que pode ter sido prejudicada pela falta de recursos tecnológicos e de acesso à internet; a sobrecarga de trabalho profissional e doméstica; ou a perda do convite de participação na pesquisa (spam). Neste sentido, recomenda-se que outros estudos avaliem os dados emocionais de professores também no retorno às aulas para tecer comparações com o período pandêmico e utilizem outras possibilidades de coleta de dados, como forma de ampliar a participação, sem sobrecarregá-lo no contexto doméstico. Assim sendo, considera-se que este estudo forneceu evidências sobre a importância de abordar o estado emocional dos professores tanto na pandemia como posteriormente, principalmente, daqueles mais vulneráveis, como os atuantes no ensino infantil e no fundamental.

Referências

- ALVES, L. A. de S.; MARTINS, A. da C. S.; MOURA, A. A. de. Desafios e aprendizados com o ensino remoto por professores da educação básica. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 86, n. 1, p. 61-78, 2021. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7985645>. Acesso em: 10 abr. 2022.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- CORREIA, K. M. L.; BORLOTI, E. Mulher e depressão: Uma análise comportamental-contextual. **Acta Comportamental**, v. 19, n. 3, p. 359-373, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So188-81452011000300007.
- CORRÊA, C. A.; VERLENGIA, R.; RIBEIRO, A. G. S. V.; CRISP, A. H. Níveis de estresse, ansiedade, depressão e fatores associados durante a pandemia de COVID-19 em

praticantes de Yoga. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v. 25, p.1-7, 2020. Disponível em: <https://rbafs.org.br/RBAFS/article/view/14288>. Acesso em: 07 jan. 2023.

COSTA, I. A. R.; JOVANOVIĆ, J. O.; OLIVEIRA, M. R. F. de; SILVA, A. S. da. Condições do trabalho docente na educação infantil: Uma análise crítica em tempos pandêmicos na cidade de Londrina/PR. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 17, n. esp. 1, p. 0981-0994, 2022. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/16320>. Acesso em: 13 set. 2022.

CRUZ, R. M.; ROCHA, R. E. R. da; ANDREONI, S.; PESCA, A. D. Retorno ao trabalho? Indicadores de saúde mental em professores durante a pandemia da COVID-19. **Revista Polyphonia**, v. 31, n. 1, p. 325-344, 2020. <https://revistas.ufg.br/sv/article/view/66964>. Acesso em: 18 maio. 2023.

FERREIRA-COSTA, R. Q.; PEDRO-SILVA, N. Níveis de ansiedade e depressão entre professores do Ensino Infantil e Fundamental. **Pro-Posições**, 2019, v. 30, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/prLXmmdXG3hdQWTSBgm6JZD/>. Acesso em: 19 nov. 2022.

FREITAS, R. F. *et al.* Prevalência e fatores associados aos sintomas de depressão, ansiedade e estresse em professores universitários durante a pandemia da COVID-19. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 70, n. 4, p. 283-292, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/8DKtKHH8xFrMjSjTr7X93Lt/#>. Acesso em: 04 out. 2022.

GAZZONI, A. P.; FERREIRA, V. R. T. Análise funcional dos sintomas depressivos do transtorno depressivo maior. **PSI UNISC**, v. 5, n. 1, p. 167-176, 2021. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/psi/article/view/14322>. Acesso em: 02 fev. 2022.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

HATZICHRISTOU, C. *et al.* Assessing school community needs during the initial outbreak of the COVID-19 pandemic: Teacher, parent and student perceptions. **School Psychology International**, v. 42, n. 6, p. 590–615, 2021. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/01430343211041697>. Acesso em: 13 jul. 2022.

JAKUBOWSKI, T. D.; SITKO-DOMINIK, M. M. Teachers' mental health during the first two waves of the COVID-19 pandemic in Poland. **PLoS ONE**, v. 16, n. 9, 2021. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0257252#:~:text=Results,COVID%2D19%20pandemic%20in%20Poland>. Acesso em: 26 abr. 2022.

LIPP, M. E. N. **Inventário de sintomas do stress para adultos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

MACINTYRE, P.; GREGERSEN, T.; MERCER, S. Language teachers' coping strategies during the Covid-19 conversion to online teaching: Correlations with stress, wellbeing and negative emotions. **System**, v. 94, n. 102352, 2020. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0346251X20307120>. Acesso em: 15 mar. 2023.

MEJOREDU. **Experiencias de las comunidades educativas durante la contingencia sanitaria por COVID-19**. Educación básica. Informe Ejecutivo. Comisión Nacional para la Mejora Continua de la Educación, 2020.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). **Pandemia de COVID-19 desencadeia aumento de 25% na prevalência de ansiedade e depressão em todo o mundo**, 2022.

Disponível em: [https://www.paho.org/pt/noticias/2-3-2022-pandemia-covid-19-desencadeia-aumento-25-na-prevalencia-ansiedade-e-depressao-em#:~:text=2%20de%20mar%C3%A7o%20de%202022,Mundial%20da%20Sa%C3%BAde%20\(OMS\)](https://www.paho.org/pt/noticias/2-3-2022-pandemia-covid-19-desencadeia-aumento-25-na-prevalencia-ansiedade-e-depressao-em#:~:text=2%20de%20mar%C3%A7o%20de%202022,Mundial%20da%20Sa%C3%BAde%20(OMS).). Acesso em: 18 jun. 2022.

PINHO, P. de S. *et al.* Trabalho remoto docente e saúde: repercussões das novas exigências em razão da pandemia da Covid-19. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 19, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/jj/tes/a/fWjNP9QqhbGQ3GH3L6rjswv/>. Acesso em: 9 ago. 2022.

REIMERS, F. Primary and Secondary Education During COVID-19. Cham, Switzerland: Springer. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 86, n. 1, p. 9-23, 2021. Disponível em: <https://library.oapen.org/bitstream/handle/20.500.12657/50965/978-3-030-81500-4.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2023.

RIBEIRO, A. F. **Saúde Mental dos Professores da Educação infantil no Enfrentamento da COVID-19**. 2021.45f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) - Centro Universitário Sagrado Coração - UNISAGRADO - Bauru - SP, 2021.

RODRIGUES, L. G. S. *et al.* Prevalência de sintomas depressivos em professores e fatores associados. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 6, e5311628564, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/28564>. Acesso em: 30 out. 2022.

SANTAMARÍA, M. D.; MONDRAGON, N. I.; SANTXO, N. B.; OZAMIZ-ETXEBARRI, N. Teacher stress, anxiety and depression at the beginning of the academic year during the COVID-19 pandemic. **Global Mental Health**, v. 8, 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34192001/>. Acesso em: 01 maio 2023.

SCANDOLARA, T. B.; WIETZIKOSKI, E. C.; GERBASI, A. R.; SATO, S. W. Avaliação dos níveis de estresse e depressão em professores da rede pública do município de Francisco Beltrão, PR. **Arq. Ciênc. Saúde UNIPAR**, v. 19, n. 1, p. 31-38, 2015. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/saude/article/view/5262/3035>. Acesso em: 11 abr. 22.

SHALA, M.; SADIKU, A.; ÇOLLAKU, P. J.; HAXHIJAH, E. Early Childhood Teachers' Wellbeing and Mental Health During the COVID 19 Pandemic – Kosovo Case. **International Journal of Social Sciences: Current and Future Research Trends**, v. 13, n. 1, p. 74-186, 2022. Disponível em: https://ijsscfrjournal.isrra.org/index.php/Social_Science_Journal/article/view/999. Acesso em: 05 maio. 22.

SILVA, N. R.; BOLSONI-SILVA, A. T.; LOUREIRO, S. R. Burnout e depressão em professores do ensino fundamental: um estudo correlacional. **Revista Brasileira de Educação**, v. 23, p. 1-18, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/jj/rbedu/a/jRq5tQN8ybDDg4BQ73mqVrx/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 20 fev. 2022.

SOUZA, J. M.; DELL'AGLI, B. A. V.; COSTA, R. Q. F. da; CAETANO, L. M. Docência na pandemia: saúde mental e percepções sobre o trabalho on-line. **Teoria e Prática da Educação**, v. 24, n. 2, p.142-159, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/59047>. Acesso em: 10 jun. 2022.

SPADAFORA, N.; REID-WESTOBY, C.; MOLLY, P.; JANUS, M. Family responsibilities and mental health of kindergarten educators during the first COVID-19 pandemic lockdown in Ontario, Canada. **Teaching and Teacher Education**, v. 115, n.103735, 2022. Disponível em: Acesso em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC9021042/>. Acesso em: 9 ago. 2022.

Agradecimentos

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP, processo 2019/05068-9).

Sobre os autores

Camila Elidia Messias dos Santos

Doutora pelo Programa de Pós-graduação Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências, Bauru. E-mail: camila.messias@unesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1428-9899>

Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues - Professora Adjunta do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências, Bauru. E-mail: olga.rolim@unesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5332-256X>

Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues

Possui graduação em Psicologia pela Fundação Educacional de Bauru, mestrado em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos, doutorado em Psicologia Experimental pela Universidade de São Paulo (IP/SP) e livre-docência em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Atualmente é Professora Adjunta do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, da Faculdade de Ciências, campus de Bauru, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). É bolsista Produtividade em Pesquisa, do CNPq (Pq-2). Email: olga.rolim@unesp.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5332-256X>

Vera Lucia Messias Fialho Capellini

Professora Titular do Departamento de Educação e do Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências, Bauru. E-mail: vera.capellini@unesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9184-8319>

Nilson Rogério da Silva

Professor Associado do Departamento de Fisioterapia e Terapia Ocupacional e do Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília. E-mail: nilson.silva@unesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8866-0964>

Recebido em: 06/06/2024

Aceito para publicação em: 24/06/2024